
Entrevistado/a: Lúcia K. da Silva

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 26 de junho de 2025

Local: EMEF Jacob Longoni (Canoas)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória pessoal e vínculo com a comunidade

Lúcia da Silva, tem 42 anos, é moradora do bairro Mato Grande, em Canoas, atua como funcionária da EMEF Jacob Longhoni. Sua narrativa articula a vivência pessoal como atingida pela enchente de 2024 e sua atuação como trabalhadora e abrigada na própria escola onde exerce suas funções.

A vivência da enchente

A entrevistada relata que o avanço das águas em sua comunidade ocorreu de forma rápida, durante a madrugada, tornando impossível a permanência em sua residência. Inicialmente, buscou abrigo em espaços próximos, como o mercadinho de um familiar, acompanhando a progressão da enchente até que também esse local fosse atingido. Diante da impossibilidade de permanecer na região, passou por outros abrigos improvisados até ser acolhida na EMEF Jacob Longhoni, onde trabalha.

A escola como espaço de trabalho e abrigo

Lúcia destaca que, ao ser informada sobre a transformação da escola em abrigo, manifestou o desejo de contribuir. Com apoio da coordenação e da direção, passou a trabalhar e a permanecer abrigada na escola até o encerramento das atividades do abrigo. Durante esse período, conciliou o retorno eventual à sua

casa para limpeza com a permanência na escola, que se estendeu até poucas semanas antes do retorno das aulas.

Atuação no abrigo

No cotidiano do abrigo, a entrevistada atuou principalmente nas atividades de limpeza, contribuindo para a manutenção do espaço coletivo e para o bem-estar dos abrigados. Relata que o convívio com outras pessoas atingidas pela enchente possibilitou a troca de experiências, o compartilhamento de histórias de perda e superação e o fortalecimento de vínculos em meio à tragédia. Destaca que conhecer as histórias dos outros abrigados foi, ao mesmo tempo, doloroso e humanizador.

Empatia, identificação e vivência compartilhada

Lúcia enfatiza que sua própria condição de desabrigada favoreceu uma identificação com as pessoas acolhidas, permitindo compreender de forma sensível a dor, a perda e o sofrimento vivenciados por aquelas famílias. Ressalta que, apesar de ter perdido bens materiais, reconhece que sua situação foi menos grave do que a de muitas pessoas que perderam casas, familiares ou não tinham para onde retornar.

Dimensão afetiva

A entrevistada relata que ser acolhida no espaço onde trabalhava lhe proporcionou sensação de segurança e pertencimento, descrevendo a escola como um lugar familiar e protetor. O convívio com colegas e a organização do abrigo contribuíram para amenizar o sofrimento emocional.

Reconstrução e aprendizados da experiência

Ao refletir sobre a experiência, Lúcia destaca a importância da empatia, da solidariedade e do amor entre as pessoas. Relata o processo gradual de reconstrução de sua casa e de sua vida material, enfatizando que, apesar das perdas, o mais importante foi não ter perdido familiares. Finaliza ressaltando que a experiência deixou marcas, reforçando a crença na humanidade, na ajuda mútua e no papel da escola como espaço de acolhimento.